

**O DISCURSO DE MULHERES ATUANTES EM MOVIMENTOS SOCIAIS
FEMINISTAS NA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA: UM RECORTE DISCURSIVO
DO DOCUMENTÁRIO “O PESSOAL É POLÍTICO”^I**

**THE DISCOURSE OF WOMEN ACTIVE IN FEMINIST SOCIAL MOVEMENTS
FROM THE PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE: A DISCURSIVE APPROACH TO
THE DOCUMENTARY “THE PERSONAL IS POLITICAL”**

Janete Figueiredo Dozól^{II}

Adriana de Oliveira Limas Cardozo^{III}

Resumo: O trabalho apresentou como objetivo analisar a partir do olhar da psicanálise o discurso das mulheres atuantes em movimentos sociais feministas, a partir do recorte discursivo referente ao documentário “O Pessoal é Político” (2017). Pretendeu-se colaborar para um saber acerca do movimento feminista e promover problematizações que se insiram no contexto social, político e na psicanálise. Estudou-se, no decorrer do texto, Lacan (1992; 1999), Ribeiro (2019) e demais artigos e produções de cunho feminista e psicanalítico. Formulou-se a análise das informações através dos quatro discursos fundamentais da teoria lacaniana, presentes no Seminário 17 (LACAN, 1992). As discussões percorreram as falas das mulheres do documentário, incluindo-se discursos que abrangeram relatos sobre a Ditadura Militar Brasileira de 1964 e a Segunda Onda Feminista no Brasil. Considerou-se os discursos universitários e históricos preponderantes entre as falas das personagens, produzindo-se, sobretudo, conteúdos que destacaram estes modelos discursivos.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Feminismos. Política. Psicanálise. Discursos.

Abstract: The present work aimed to analyse, from the psychoanalytic perspective, the discourse of women active in feminist social movements, using the discursive approach referring to the documentary “The Personal is Political” (2017). It was intended to contribute to the psychoanalytic knowledge about the feminist movement and to promote problematisations that belong to the social and political contexts. Throughout the text, Lacan (1992; 1999), Ribeiro (2019) and other articles and productions of a feminist and psychoanalytic nature were studied. The information analysis was formulated through the four fundamental discourses of the Lacanian theory, present in Seminar 17 (LACAN, 1992). The discussions covered the discourses of the women featured in the documentary, including those that covered reports on the 1964 Brazilian Military Dictatorship and the Second Feminist Wave in Brazil. University and hysterical discourses were considered predominant among the characters' speeches, producing, above all, contents that highlighted these discursive models.

^I Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Psicologia, como requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga(o) pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL, 2021.

^{II} Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: jf.dozol@gmail.com.

^{III} Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

Keywords: Social Movements. Feminisms. Politics. Psychoanalysis. Discourses.

INTRODUÇÃO

A partir do entendimento de que as mulheres são sujeitos corpóreos e discursivos, Burman (2020) traz a importância de analisar suas falas sob o viés do individual e coletivo, proporcionando ao âmbito da psicanálise uma abertura de conceitos, os quais necessitam de ampliação para a coletividade, além do que se é estudado no indivíduo. As mulheres também carecem dessa amplitude, que os movimentos sociais já proporcionam em certa escala, como destaca Beauvoir (2016), sempre diante das tentativas estruturais de confiná-las à um valor social pré-estabelecido.

Olhar pela psicanálise o discurso feminista, convida-nos ao questionamento da própria comunidade psicanalítica e seus valores, quando, por vezes, fortalece as estruturas dominantes do patriarcado e sua ideologia, seja pelo viés cultural, econômico, social ou político. Por isso, como a psicanálise, sobretudo a lacaniana, abarca o discurso das mulheres feministas, a partir do recorte discursivo de um documentário?

O discurso de sujeitos implica uma base informativa, a qual desenvolve a produção do saber cujo o coenunciador – ou, no caso, o observador e ouvinte de um longa-metragem - agrega em seu conhecimento de mundo o conteúdo encontrado na investigação analítica (DUARTE; MELO, 2017). Isso também abarca a abordagem psicanalítica do assunto, já que as informações singulares encontradas fazem parte da “interpretação analítica” (LACAN, 1992, p. 15) lacaniana, fruto do desejo de um saber desconhecido (LACAN, 1992), ocupando lugar de debate na coletividade, através da análise discursiva.

Conforme essas colocações, o objetivo foi analisar a partir do olhar da psicanálise o discurso das mulheres atuantes em movimentos sociais feministas, a partir do recorte discursivo referente ao documentário “O Pessoal é Político” (2017), o que pôde trazer informações acerca do que elas vivenciam como sujeitos políticos-coletivos, assim como verificou-se a perspectiva discursiva na teoria dos quatro discursos de Lacan (1992), também informando o enlace das falas dessas mulheres com a teoria lacaniana, especificamente no “O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise”, obra de Lacan de 1992.

Foram consultadas fontes bibliográficas acerca do assunto nos *sites* Scielo e Portal de Periódicos CAPES/MEC com as palavras-chave “movimentos sociais”, “mulheres”, “história”, “feminismo” e “discurso”. Neles encontraram-se dois artigos atuais relacionados ao tema, portanto dos últimos cinco anos (VIGANO; LAFFIN, 2019; DUARTE; MELO, 2017).

Localizou-se, também, um artigo recente no *site* Lacuna: uma revista de Psicanálise (BURMAN, 2020). Outros textos como: Farias (2009), Carneiro (2003), Ribeiro (2019), Lacan (1992), Lacan (1999) e Beauvoir (2016) - utilizados na introdução e marco teórico – foram resgatados dos arquivos da própria autora deste trabalho de conclusão de curso, observando-se pertinentes para o tema proposto.

Supôs-se que os conceitos agregados poderiam contribuir para a formação de um saber sobre os movimentos feministas e que isso seria incluso nos debates comunitários e psicanalíticos, para promoverem problematizações e possíveis mudanças positivas na consolidação desses movimentos e na psicanálise, principalmente em contexto(s) que se faz(em) desejante(s) e importante(s) a força deles e seus avanços. Por esse motivo, o discurso das mulheres precisa ser reconhecido como fundante da história não apenas delas, mas da comunidade à qual elas pertencem e no contexto psicanalítico.

AS HISTÓRIA DAS MULHERES EM MOVIMENTOS SOCIAIS

Para dar o ponto de partida na teorização do tema, vários aspectos podem ser mencionados referentes ao envolvimento das mulheres em movimentos sociais. Um deles – e talvez o mais importante – é a violência doméstica, que se apresenta como a pulsão motivadora do engajamento feminista, pois, no decorrer da história, o enfrentamento a essa demanda e sua prática foi recorrente, como cita Viganò e Laffin (2019), quando os movimentos feministas incorporaram a desconstrução de gênero a partir de temas relacionados à violência contra as mulheres, para a implementação de pautas pertinentes à sua desestruturação.

Esse embate sobre a violência pode ser destacado no que Farias (2009, p. 925) menciona como os “dois discursos fundamentais para a compreensão das primeiras representações construídas na história sobre o feminino: o discurso de matriz filosófica grega e o discurso da moral cristã no mundo medieval”. O primeiro refere-se ao olhar de objeto que o homem destinava às mulheres sob o viés da fragilidade feminina, colocando-as em posição manipulável e admirável, afirmando-se a beleza do corpo e sua inferiorização, deparados na concepção de pensadores como Aristóteles e Platão (FARIAS, 2009, p. 925). Já o segundo estaria relacionado à cultura judaico-cristã no período medieval, a partir dos discursos patriarcais da Igreja Católica e o antagonismo entre as características benevolentes da “santa protetora” e malévolas da “feiticeira herege”, criando-se uma clivagem feminina (FARIAS, 2009, p. 925).

Os discursos sobre gênero começaram a se firmar na década de 1970, com discussões de feministas dos Estados Unidos e Reino Unido, produzindo-se questionamentos acerca da

estrutura patriarcal e suas interferências na constituição cultural e psíquica das mulheres e também dos próprios homens (VIGANO; LAFFIN, 2019).

Porém, a história das mulheres não se resumiu a isso. Ribeiro (2019) traz em sua filosofia a importância de enfatizar as demais culturas onde elas se fizeram presentes, como nas religiões de matriz africana, em contexto brasileiro, nas comunidades periféricas, movimentos sociais interseccionais e lutas diversas por ocupação de espaços. Assim como direcionamentos voltados para a autonomia da sexualidade, emancipação dos corpos femininos e direitos reprodutivos, além das reivindicações por instituições que cuidassem de seus dependentes e pela descriminalização do aborto (CARNEIRO, 2003). Portanto, focar-se exclusivamente numa visão eurocêntrica e colonizadora dos movimentos sociais feministas tornou-se de sentido controverso (RIBEIRO, 2019).

O reconhecimento das mulheres nos espaços públicos também foi – e ainda é - uma das pautas desses movimentos, pela inserção na política e no diálogo institucional (VIGANO; LAFFIN, 2019). A forma hierarquizada da sociedade masculina, branca e cis impôs que as mulheres fossem silenciadas e submetidas ao patriarcado capitalista, dificultando-se sua libertação nas relações de trabalho e na cultura (VIGANO; LAFFIN, 2019).

Para sintetizar, na Figura 1 - a seguir - foram listados alguns acontecimentos históricos importantes em relação às conquistas decorrentes dos movimentos sociais protagonizados pelas mulheres no Brasil e no mundo.

Figura 1 - Conquistas históricas brasileiras e internacionais dos movimentos sociais feministas.

Direitos da Mulher	
1915	– Foi instituído um novo regulamento para a Caixa Econômica Federal que, dentre outras alterações no seu funcionamento, permitia que a mulher casada possuísse depósitos bancários em seu nome quando não houvesse oposição do marido.
1916	– Até 1916 o marido tinha o direito de aplicar castigos na sua mulher.
1932	– As mulheres receberam o direito ao voto.
1945	– A igualdade de direitos entre homens e mulheres é reconhecida em documento internacional, através da Carta das Nações Unidas.
1962	– É criado o Estatuto da Mulher casada, que garantiu entre outras coisas que a mulher não precisava mais de autorização do marido para trabalhar, receber herança e em caso de separação ela poderia requerer a guarda dos filhos.
1980	– Recomendada a criação de centros de autodefesa, para coibir a violência doméstica contra a mulher. Surge o lema: Quem ama não mata.
1985	– Foi criado o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM).
1988	– Foi consagrada a igualdade jurídica entre homens e mulheres.
2002	– O termo “patrio poder” foi substituído pelo “poder familiar”.
2006	– Foi promulgada a Lei Maria da Penha.
2015	– Promulgada a Lei do Femicídio.

Fonte: Vigano e Laffin (2019, p. 11).

Como afirma Vigano e Laffin (2019), ainda é necessário investigar as construções simbólicas das estruturas de poder, também inclusas nos aspectos linguísticos, além das instâncias culturais e históricas que formam as aparências universais e totalizantes dessas estruturas.

AS MULHERES E O LUGAR DE FALA: UM OLHAR LACANIANO

Lacan (1999), no “O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente”, traz a ideia de que a fala é produzida a partir de uma passagem, a passagem na qual o significante é um vazio, onde a dialética se faz permanente na cadeia significante de um sujeito ao outro. Nesse caminho, encontra-se a **voz**, que surge sustentando o diálogo, como meio de ligação ao conteúdo enigmático da fala (LACAN, 1999). A transmissão do que é dito consiste no apagamento da fala em si, dando lugar aos timbres da voz (LACAN, 1999). O lugar da fala para o sujeito pertence às estruturas do Outro, porém ela também carrega o desejo diante desse Outro, que

pode ser reconhecido ou não, dependendo da assimilação, incorporação ou rejeição, assim como quando a demanda aliena esse desejo (LACAN, 1999).

Ribeiro (2019, p. 26) menciona que a demanda, portanto, a linguagem alienada, “pode ser uma barreira ao entendimento e estimular criar mais espaços de poder em vez de compartilhamento, além de ser um – entre tantos outros – impeditivo para uma educação transgressora”, manifestando que o lugar de fala não é dado, mas é reivindicado em todos os lugares (RIBEIRO, 2019), nesse sentido, à serviço do desejo.

Pensar em lugar de fala, no olhar das mulheres, remete ao entendimento através do “ponto de vista feminista” – ou “*feminist standpoint*” (RIBEIRO, 2019, p. 57) -, tornando-se acessível pela diversidade nos meios de comunicação, universidades, debates virtuais, políticas institucionais dentre outros espaços (RIBEIRO, 2019), inclusive nas obras cinematográficas. Lacan (1999) entende por lugar da fala a instalação do desejo no Outro, o que, segundo Ribeiro (2019), possibilita a abertura para além da hierarquização dos saberes, permitindo que a voz das mulheres, em suas mais diferentes nuances, seja refletida e possivelmente escutada. É preciso evidenciar o discurso dos sujeitos em posição de subalternidade, para que a política de silenciamento se desestabilize (RIBEIRO, 2019).

As máscaras que prendem e calam algumas mulheres, quando descobertas, mostram suas histórias, lutas, traumas, memórias... escondidas pelo medo e impossibilitadas de sublimação devido às repressões sofridas (RIBEIRO, 2019). As próprias verdades esquecidas pelos sujeitos que necessitam escutar essas falas - presentes no inconsciente - são sintomatizadas pela culpa e vergonha dessas verdades (RIBEIRO, 2019). É necessário informar o que os outros “precisam saber, mas não necessariamente o que querem ouvir” (BURMAN, 2020), a partir da decisão em modificar o Outro (BURMAN, 2020).

Portanto, para Lacan (1999, p. 474-475), “o Outro como lugar da fala [...] ele não seria um Outro, propriamente falando, mas apenas o lugar organizado do sistema dos significantes [...]”, disponibilizando-se espaço para as reivindicações discursivas.

O ESPAÇO DO DISCURSO NA PSICANÁLISE

Para introduzir os esquemas de discurso em Lacan (1992), pode-se definir que a verdade no que é dito se articula com a reflexão diante de um suposto saber, o qual resulta numa quebra de sistema, numa necessidade de sentido. Esse sentido aparece como se “talvez não seja o verdadeiro” (LACAN, 1992, p. 14), entrando-se numa lógica paradoxal. No entanto, o papel da

interpretação aí é essencial, visto que a importância do discurso se dá a partir do sentido que se faz dele (LACAN, 1992).

Lacan (1992) define a formação do discurso a partir de quatro formações, que são elas: o discurso do mestre, do universitário, do analista e da histeria. O discurso do senhor (mestre) parte de um saber teórico, intelectualizado ou dogmático, sugerindo que seu desejo seja realizado pelo escravo (LACAN, 1992). O escravo (analista, universitário ou histórico), por sua vez, carrega a linguagem do “*saber-fazer*” (LACAN, 1992, p. 20, grifo do autor), o saber prático, aquele que conhece o que o Outro quer (LACAN, 1992). Essa função, a do saber do escravo, é historicamente retirada de seu valor, substituindo-se pela filosofia que constitui o saber do senhor (LACAN, 1992). O mais-de-gozar é privilégio do senhor, que está autorizado a sublimar, ao contrário do escravo que nem se quer sabe de seu saber, mas possui um saber incontestável (LACAN, 1992).

Faz-se necessário evidenciar essas duas características, para que o sujeito apareça na estrutura do discurso, assim como propõe Lacan (1992, p. 21): “[...] o importante, a finalidade, é mostrar que o escravo sabe, mas, ao confessar isto apenas por esse viés de derrisão, o que se oculta é que se trata exclusivamente de arrebatar do escravo sua função no plano do saber”. Portanto, é preciso restituir este lugar do escravo, como conhecedor dele mesmo, de sua função e de sua história, através das reivindicações discursivas. Como no caso das mulheres, quando o feminismo trabalha no fortalecimento de seus saberes, a partir da fala (BURMAN, 2020).

O discurso, seja ele do senhor ou do escravo, parte de uma corporificação política, onde o sujeito se totaliza na sua pregação (LACAN, 1992). O discurso do mestre traz a recuperação da mais-valia, enquanto o universitário se faz propriamente da produção discursiva, subvertendo a estrutura pré-estabelecida através da posição de sujeito mais-válido (LACAN, 1992). A “histerização” do discurso, não no sentido de inferiorizá-lo, e sim de trazer à tona, por meio da fala, o conteúdo mascarado na dialética senhor e escravo, se coloca como saber sintomático, transmitindo pelo corpo e pela voz os acontecimentos históricos vividos (LACAN, 1992), o qual também se entrelaça com o discurso psicanalítico, de investigação histórica dos sujeitos analisados (LACAN, 1992).

O discurso que emerge dos movimentos feministas pode ser situado em Lacan (1992, p. 57) quando ele diz: “eis por que a mulher que anima a virtude revolucionária da análise poderia, antes de ter frêmitos, dizer para si mesma que, [...] ela pode se beneficiar com o que chamaremos de uma certa cultura do discurso”, nesse sentido, quando as mulheres se apropriam da cultura como sujeitos discursivos e revolucionários em suas falas.

METODOLOGIA

Na diferenciação dos dados, a pesquisa se caracterizou a partir do perfil qualitativo, pois abordou as falas das personagens através de uma análise interpretativa (GIL, 2008), assim como os objetivos foram trabalhados segundo a perspectiva exploratória.

A investigação foi realizada com referência à uma fonte documental, mais especificamente um longa-metragem denominado “O Pessoal é Político” (2017), que foi detalhado no tópico a seguir.

MATERIAL E PROCEDIMENTOS

O documento utilizado para coletar informações acerca do tema proposto foi um documentário, no estilo longa-metragem, intitulado “O Pessoal é Político” (2017), dirigido por Vanessa de Araújo Souza, produzido por Lia Araújo, conjuntamente com a empresa Lascene Produções, cujo o diretor de fotografia é Reinaldo Faccini. A produção foi no Rio de Janeiro e o ano de lançamento 2017, sendo que o tempo de duração é 53 minutos. O documentário apresenta a fala de 11 mulheres, engajadas em movimentos sociais feministas de vanguarda, retratando especificamente a Segunda Onda Feminista no Brasil, entre os anos de 1975 e 1985.

Na produção, as entrevistadas são questionadas acerca de assuntos como:

[...] a participação brasileira na Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, na Cidade do México, e os eventos nacionais que a sucederam; a fundação do Centro da Mulher Brasileira, nossa primeira ONG feminista; a publicação dos primeiros periódicos feministas em contraponto ao machismo do jornal Pasquim; a militância de mães e esposas no Movimento Feminino pela Anistia; as contradições ideológicas entre o catolicismo e o feminismo, que provocaram o atraso na entrada de assuntos como violência doméstica e controle da sexualidade e reprodução na pauta feminista; e, por fim, o legado que essas mulheres corajosas e precursoras deixaram para os dias atuais, como a Lei do Divórcio, o novo Código Civil e a reforma da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (TAMANDUÁ, 2017).

O longa-metragem encontra-se no catálogo do *site* Tamanduá (<https://tamandua.tv.br/default.aspx>), que se destina à exposição de filmes, séries e outras obras de cunho independente no Brasil. O acesso foi pela assinatura do plano que traz disponível o conteúdo no *site*, o qual foi utilizado por um período de 4 (quatro) meses, até a conclusão da coleta e análise dos dados. O valor referente ao consumo estimado para a aquisição do documentário foi demonstrado na tabela de orçamento desta pesquisa.

A coleta dos dados se deu a partir de anotações feitas com base na observação e escuta das mulheres presentes no documentário. Foram considerados aspectos nas anotações como:

(1) a vida político-coletiva; (2) relação com o tema da violência contra a mulher; (3) conquistas sociais abordadas pelas entrevistadas; (4) conquistas pessoais e (5) o significado do processo histórico que viveram.

Tais dados foram tabulados sistematicamente de forma escrita e analisados. Coletou-se as informações de cada participante e inseriu-se na tabela, conforme os discursos das mulheres encontrados no material.

Os dados foram analisados tomando-se como fonte principal os quatro discursos primordiais da teoria psicanalítica de Lacan (1992), que são eles: o discurso universitário; o discurso do mestre (senhor); o discurso histérico e o discurso do analista, conforme o que foi apresentado na coleta de dados e nas falas das mulheres.

Outras informações foram analisadas a partir dos textos trazidos na seção de marco teórico da pesquisa, como forma de complementação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As 11 mulheres apresentadas no documentário trouxeram falas representativas de suas vivências enquanto feministas engajadas em movimentos sociais dessa linha, através dos discursos que explanaram tanto a vida social - esta emaranhada de estratégia, sintoma e angústia -, quanto a vida pessoal - transmitindo-se, nesse caso, conquistas satisfatórias ou frustrações no decorrer da história vivida. O texto de Lacan (1992) de 1969-1970, no que se refere aos quatro discursos fundamentais de sua teoria: as falas universitárias, mestras, históricas ou analíticas, também foram encontradas, por vezes de forma implícita ou explícita.

O discurso universitário apareceu quando as participantes falaram de suas experiências juvenis em Universidade, onde, segundo algumas delas, descobriram suas aptidões para a política e iniciaram o envolvimento com os movimentos sociais, não apenas feministas, mas em relação à Anistia e reconstrução democrática devido à Ditadura Militar Brasileira de 1964.

Na hora que eu entro pra Universidade, que coincide com o momento da abertura política, pós Anistia, e que estamos então todos tentando reconstruir a ideia de direitos civis, como assim estou lutando por direitos civis, mas tem direitos que eu não tenho porque eu sou mulher? (Carla Rodrigues, participante 1, TAMANDUÁ, 2017).

Sobre isso, a participante Liv Sovik, professora da ECO/UFRJ, relatou a influência do movimento feminista na época em que esteve na Universidade, nos anos 1960: “fui estudante nos anos 1960 e todas as minhas colegas de faculdade foram influenciadas fortemente pelo movimento feminista” (Participante 7, TAMANDUÁ, 2017). Desse modo, como informado

pela participante, não apenas ela havia começado naquele momento seu engajamento feminista, mas outras estudantes também, o que faz da prática – ou saber-fazer – do universitário algo que necessita *a priori* do laço social, além do saber científico (LACAN, 1992).

O laço universitário que promove movimentos sociais foi destacado na fala de Hildete Pereira de Melo, quando estes acontecem de maneira organizada: “veio o golpe de 1964 eu era tesoureira da União dos Estudantes da Paraíba, ligada ao Partido Comunista, então já lutava por um ideário que você poderia chamar de esquerda” (Participante 3, TAMANDUÁ, 2017).

Lacan (1992) traz o discurso universitário como uma crítica ao discurso do mestre, este que propõe o mantimento da ordem e a obtenção da verdade, os quais o universitário busca contestar. Nesse sentido, os senhores (mestres) ressaltados no longa-metragem foram a Igreja Católica e os aparelhos ideológicos do Estado, que através da repressão do corpo e a violência institucional, fizeram cena nos discursos das participantes ao mencionarem algumas situações em que prevaleceu a tática do mestre e a atuação feminista foi advertida.

Porque a pauta era o corpo, o aborto, a pauta desse momento. Você não ia comprometer uma relação com a Igreja, que era um dos poucos polos de resistência política progressista, por pautas que ela não aceitaria. Então foi um pouquinho adiado esse momento no Brasil. Aliás, eu acho que só vem retomado mesmo, com força total hoje, né? A pauta do corpo, do aborto... Ele é tardio no Brasil (Heloísa Buarque de Hollanda, participante 8, TAMANDUÁ, 2017).

Porém, mesmo com a repressão, a crítica ainda esteve presente. O corpo, tema abordado pelo movimento feminista neste período, também foi objeto subversivo e crítico, ao se colocar à mercê de dor e sofrimento, estes produzidos pelo (E)estado da época.

No cárcere, na prisão política, a mulher, ela era incrivelmente discriminada e se para o homem já era um terror, imagina para a mulher, humilhada [...] Era normal o assédio sexual. A primeira coisa que se fazia era mandar você tirar a roupa. Tanto homens quanto mulheres. Agora imagina uma mulher nua. Chegavam, passavam a mão ‘e aí gostosa, e aí, vai falar ou não vai?’ e te davam logo os choques. Os choques eram no seio, na vagina... ‘E agora, tá gostando? Tá gozando? Tá tendo prazer?’ era esse tipo de tortura... (Fátima Setubal, participante 4, TAMANDUÁ, 2017).

Referente à repressão da voz, o silenciamento da fala das mulheres foi evidenciado no discurso da participante Schuma Schumacher, coordenadora da ONG Redeh, ao relatar que a violência doméstica, em âmbito familiar, muitas vezes é negligenciada pelas instituições que, à princípio, deveriam acolher essas mulheres, mas promove a violência estatal, quando tais casos são encaminhados para as delegacias especializadas. Segundo a fala dela:

Então juntaram-se as organizações paulistas na época, feministas, e com isso, pensou-se em criar um espaço onde pudéssemos acolher as mulheres vítimas de violência, que tinham muita dificuldade de fazer a denúncia numa delegacia de polícia, até porque já sabiam desta cultura machista existente onde o que acontecia: a mulher, ao chegar

para denunciar, logo o delegado já dizia: ‘não, minha senhora, é só tratar o seu companheiro bem hoje à noite, faça um agrado pra ele que tudo voltará ao normal’. Então era considerado um crime sem muita importância, era considerado, em primeiríssimo lugar, preservar ‘a família’ não importa a que custo e com isso as mulheres se sentiam responsabilizadas pela violência que sofriam (Participante 2, TAMANDUÁ, 2017).

O discurso histórico, em Lacan (1992), aquele em que o corpo, ao contrário do qual se coloca como objeto crítico no discurso universitário, evidenciado no recorte discursivo da participante 4 anteriormente, surge como sujeito ativo, mesmo em posição de suposta passividade, quando convoca o Outro para que este sustente seu sintoma. No documentário, esse discurso apareceu nas falas das participantes que se fizeram agir no movimento feminista a partir da criação artística, literária, jornalística ou por exposição do próprio corpo, porém com o objetivo de comunicar uma mensagem, esta por intermédio da imprensa.

Adélia Borges, ex-editora do jornal *Mulherio* e Heloísa Buarque de Hollanda, diretora do PACC/UFRJ foram algumas das personagens do documentário que trouxeram esse discurso. Em uma de suas falas, elas ilustraram:

eu acho que a nossa luta, de todo mundo que se envolveu em algum momento com expressar a condição feminina através da imprensa, da imprensa escrita, de rádio, de TV... Hoje a gente vê um protagonismo feminino que era absolutamente impensável na década de 1970, na década de 1980. Acho que o legado principal foi esse: temos uma voz, queremos que essa voz seja ouvida e nós temos coisas importantes para dizer, e coisas que podem melhorar não só a vida da gente, mas podem melhorar o mundo. Acho que... A gente quer trazer isso à tona e conquistar a luz do Sol para poder falar isso. Conquistar os espaços públicos, os espaços da mídia e não ficar lá, confinadas a um lugar à beira de um fogão, né? Ou seja, hoje a gente vê uma das palavras de ordem: o lugar da mulher é onde ela quiser estar (Adélia Borges, participante 5, TAMANDUÁ, 2017).

E em outra, Heloísa Buarque de Hollanda disse: “A gente defendia o direito ao trabalho, defendia, inclusive, na minha área, que era a literatura, a representação era muito discutida, a mulher no mercado literário...” (Participante 9, TAMANDUÁ, 2017).

A exposição do corpo foi retratada por Heloísa como um ato de demanda política pessoal, mas que ecoa socialmente. A escuta, segundo ela, amplia diante do apelo corporal das feministas contemporâneas, significando um desejo da participante em continuar admirando as conquistas do movimento feminista com suas representações atuais.

Para a gente, o pessoal era político, que era... que foi a grande descoberta da minha geração. E agora, com as meninas, o político é pessoal, você faz da sua pessoa uma política. É uma demanda pessoal, a plataforma é o seu corpo, é a sua cara, é o seu *black block*, é o seu, enfim... É como você está se apresentando como pessoa e é como pessoa que você faz a demanda. Tanto que se você olhar, as demandas são milhares, né? Elas agora, elas se fazem escutar, elas ficam peladas e pronto (Heloísa Buarque de Hollanda, participante 9, TAMANDUÁ, 2017).

A psicanálise apareceu apenas na fala de Heloísa, seja por análise pessoal, destacando-se a experiência dela enquanto paciente clínico, ou então através de sua interpretação sobre o feminismo, observando as características e mudanças do movimento durante a História. Na fala mostrada acerca do assunto, ela disse:

Dizia assim: ‘o pessoal é político’, né? Abriu uma ‘tampa’. A ideia era sair do sistema, mudar a vida, mudar as relações familiares, mudar o casamento, mudar a Educação, mudar, enfim... A festa e a praia eram arenas de discussão, de transformação social, de transformação do corpo, de transformação do desejo, de várias coisas que a gente não tinha na bandeira política, mas tinha na bandeira da cultura, da contracultura naquele momento. Todo mundo fazia análise, não sei onde é que arranjava-se (sic) tanto dinheiro para fazer análise. Análise não era como agora não, era cinco vezes por semana. Era uma atitude que era importante politicamente. A ideia era essa, abrir os horizontes e abrir as fronteiras do pessoal enquanto política. E um pouco disso. Claro que eu me separei nessa época, claro que, quer dizer, claro que tudo aconteceu nessa época em nossas vidas (Heloísa Buarque de Hollanda, participante 9, TAMANDUÁ, 2017).

As experiências e vivências dessas mulheres abarcaram a inserção na cultura, na política, nas universidades e nos sistemas de comunicação (RIBEIRO, 2019). No entanto, há a dificuldade de reconhecimento também por parte de várias intersecções do feminismo, como das mulheres negras, presente nas falas de duas participantes.

As mulheres brancas, burguesas, que fundaram o movimento feminista, nunca deram crédito ao aprendizado que tiveram com a luta das outras mulheres, porque as mulheres pobres... O 8 de março, o Dia Internacional da Mulher, fala de uma luta de mulheres muito antes de o feminismo ter surgido (Jurema Werneck, participante 10, TAMANDUÁ, 2017).

Nesse recorte, o lugar do outro é perceptível. Lacan (1992) traz a significação do outro segundo uma “estrutura significante” (LACAN, 1992, p. 12). O protagonismo na cena feminista, mesmo colocando em pauta as diferenças e a necessidade de emancipação conjunta, é representado pelas mulheres brancas, enquanto o grande Outro, a maioria, pertence às mulheres negras. Em autocrítica, Schuma Schumacher, sobre isso, ressaltou:

[...] esse feminismo [...] vinha sim muito na mão de mulheres com privilégio e, portanto, falando de igualdade, falando de transformar uma sociedade, mas não incorporando tudo aquilo que faz com que a desigualdade permaneça (Participante 2, TAMANDUÁ, 2017).

As experiências universitárias, vividas coletivamente, apareceram por meio de encontros e conferências, principalmente a Primeira Conferência Mundial sobre as Mulheres, promovida pela ONU, em 1975, dedicada ao Ano Internacional da Mulher (TAMANDUÁ, 2017). Já as vivências pessoais, lembrando a relação entre senhor e escravo de Lacan (1992),

foram ressaltadas a partir das próprias construções familiares das participantes e a trajetória em cárcere político sofrido por uma delas.

As informações prestadas pelas feministas do documentário agregaram ao saber do analista acerca da linguagem política em movimentos sociais, especialmente o feminismo. O conteúdo discursivo da produção foi interpretado como engajador em algumas falas, como da participante 2 (Schuma Schumacher), caracterizando uma perspectiva estratégica e de liderança em relação às demais falas. Outra constatação foi referente ao caráter do discurso científico analisado entre as personagens do material, por exemplo, na manifestação das participantes 1 (Carla Rodrigues), 3 (Hildete Pereira de Melo), 6 (Anna Marina Barbará Pinheiro), 7 (Liv Sovik), 8 (Helena Hirata) e 10 (Jurema Werneck), perfazendo-se personalidades academicistas e de percurso universitário. Os discursos das quatro participantes restantes (Fátima Setubal, Adélia Borges, Heloísa Buarque de Hollanda e Therezinha Zerbini) foram representados pela inserção no movimento feminista através do corpo, da arte ou da comunicação jornalística.

A predominância foi do discurso universitário (LACAN, 1992), enquanto perfil discursivo do movimento social feminista demonstrado pelo documentário “O Pessoal é Político” (2017). O discurso histórico (LACAN, 1992), seja pelo sintoma expressivo ou pela angústia da dor em decorrência do aprisionamento político, também foi significativo no longametrage, assim como a fala exclusiva de uma das participantes, identificando-se seu modelo discursivo como liderança política.

No entanto, cabe ressaltar a incompletude da teoria lacaniana e das informações destacadas no documentário, desenvolvendo-se o questionamento acerca do feminismo para a psicanálise e se os conceitos levantados carecem de novas interpretações ou são inseríveis socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se, no decorrer do trabalho, que os discursos explanados pelas mulheres engajadas em movimentos sociais feministas, presentes no documentário “O Pessoal é Político” (2017), apresentaram falas que subverteram o contexto político da época, em meio à Ditadura Militar Brasileira de 1964 e a Segunda Onda Feminista no Brasil. Essas falas foram transmitidas por voz, corpo e comunicação, através da arte, produção científica, encarceramento político e estruturas discursivas em que ecoaram a convocação e o grito das mulheres durante um dos períodos mais difíceis da história brasileira.

Algumas a partir do jornalismo, outras pela literatura ou até pela crítica universitária produziram saberes que atravessaram as paredes institucionais, as quais também podem

funcionar repressivamente, quando negligenciam a violência doméstica ou são os próprios propulsores da violência, esta decorrente do Estado de exceção. O papel da religião, como acolhedora, mas também repressora das pautas feministas, também se fez presente no documentário, como em relação ao aborto e a regressão em termos de conquistas sociais para as mulheres que vivem em solo brasileiro. As mulheres negras, como o grande Outro que sustenta o feminismo, mesmo sem o devido reconhecimento, apareceram em críticas e autocríticas na análise, através das indagações levantadas por duas participantes, se elas são realmente representadas no movimento ou ainda há problematizações a serem desenvolvidas sobre isso.

Os discursos que abarcaram as falas das feministas do documentário foram identificados majoritariamente com os discursos histórico e universitário da teoria lacaniana (LACAN. 1992), mas manifestaram também outros elementos da psicanálise, sejam explícita ou implicitamente, durante a interpretação das falas. No entanto, houve a predominância do discurso universitário, o que indica que os laços sociais construídos no contexto da Universidade ajudaram na elaboração de sentidos e perduraram em suas vidas, inclusive na posterior docência das participantes. Abriam-se lacunas para novas interpretações da teoria lacaniana e das informações destacadas, principalmente acerca do discurso histórico e como ele se insere no movimento feminista e se ainda há relevância social deste termo.

É desejante cada vez mais artigos e outras produções psicanalíticas que promovam temas sociais, não apenas acerca de movimentos feministas, baseados em cinematografias, mas também análises discursivas de sujeitos, a partir de entrevistas e escuta de histórias reais. O inconsciente se faz de inúmeras maneiras diante da cultura e coletividade, armazenando nossas identificações e singularidades numa relação social constante.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**, volume 2. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BURMAN, Erica. Tomando as vozes das mulheres: a política psicológica da feminização. Tradução de Diego Amaral Penha e Paula Thaís Antunes Pereira. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. 9, p. 9, 2020. Disponível em: <https://revistalacuna.com/2021/07/01/n-9-09/>. Acesso em: 20 ago. 2020. Documento não paginado.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 17, n. 49, p. 117-133, dez., 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 abr. 2017.

DUARTE, Cristina Rothier; MELO, Lafayette Batista. Aforizações e feminismo na internet: estudo de frases curtas empregadas no movimento *primavera das mulheres*. **Revista do Gel**, v. 14, n. 1, p. 269-287, 2017. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/1477/1177>. Acesso em: 24 set. 2020.

FARIAS, Marcilene Nascimento de. A história das mulheres e as representações do feminino na história. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 17, n. 3, p. 924-925, dez., 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000300021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 07 abr. 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise**. Versão brasileira de Ary Roitman, consultor, Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro).

TAMANDUÁ. **O pessoal é político**. Direção: Vanessa de Araújo Souza. Produção: Lia Araújo. Direção de Fotografia: Reinaldo Faccini. Rio de Janeiro: Lascene Produções, 2017. 53 min. Documentário. Disponível em: https://tamandua.tv.br/filme/?name=o_pessoal_e_politico. Acesso em: 08 out. 2020.

VIGANO, Samira de Moraes Maia; LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero. **História**, São Paulo, v. 38, p. 1-18, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742019000100311&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 ago. 2020.

AGRADECIMENTOS

Este artigo contou com a colaboração de colegas que auxiliaram na execução e planejamento do trabalho, seja na escolha do documentário, em referências bibliográficas, na escrita ou em outros processos. Sobre a escrita, agradeço à orientação de Adriana de Oliveira Limas Cardozo, pelos comentários e sugestões na formulação do texto. À Nathalia do Nascimento Clemencia pelas indicações cinematográficas para a escolha do material de análise. Aos conselhos e apresentação de livros para o referencial teórico de Aleida Cardoso Corrêa. Acrescento também o envolvimento com o Plena Coletivo Feminista e, acima de tudo, aos meus familiares pelo apoio material e simbólico.